



“A ÁRVORE QUE DÁ LEITE QUE A GENTE NÃO BEBE”: Um relato de experiência sobre identidade cultural na Educação Infantil a partir do projeto Histórias no Pé da Seringueira

Santana, Nayane Silva de ¹
Grotti, Giane Lúcelia ²

RESUMO: A Educação Infantil é um espaço formativo que deve proporcionar às crianças vivências que contribuam para seu desenvolvimento pleno. Entre as dimensões desse trabalho está a construção da identidade cultural, por meio da valorização de aspectos do cotidiano e da história do lugar onde vivem. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo relatar as contribuições de uma experiência desenvolvida no projeto “Histórias no pé da seringueira”, em uma creche localizada na cidade de Rio Branco, Acre. O projeto foi desenvolvido no núcleo de alfabetização do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Trata-se, portanto, de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, cujos dados foram produzidos por meio de observação participante e registros em diário de campo. Observamos que a apresentação de elementos concretos e contextualizados do cotidiano local despertou curiosidade, participação e envolvimento das crianças e que os diálogos estabelecidos durante as atividades possibilitaram associações entre a experiência vivida e aspectos presentes em seu dia a dia. Analisamos que tais interações favoreceram a construção de significados sobre o território e sobre elementos da cultura acreana. Os resultados indicam que práticas pedagógicas fundamentadas na valorização da cultura local e do território contribuem para a construção da identidade na infância e demonstraram a importância de uma atuação docente crítica e contextualizada na Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Identidade Cultural Acreana; Pibid.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil representa uma etapa fundamental do processo educativo, pois é nesse contexto que as crianças vivenciam suas primeiras experiências fora do núcleo familiar (Brasil, 2018). Assim, torna-se um ambiente propício e fundamental para a construção das primeiras referências culturais e identitárias, exigindo um compromisso pedagógico que ultrapasse práticas meramente instrucionais. Isso implica compreender a Educação Infantil como um espaço comprometido com o

¹ Graduanda de Licenciatura em pedagogia, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pela Universidade Federal do Acre, Campus Rio Branco, nayanesilva@gmail.com.

² Doutora em Educação e professora da Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Rio Branco, coordenadora de área do subprojeto do PIBID do núcleo de alfabetização, giane.grotti@ufac.br.



desenvolvimento humano, cultural e social das crianças, reconhecendo e valorizando os saberes do território em que elas vivem. No território acreano, essa perspectiva se relaciona em considerar a história, os modos de vida e os elementos culturais que constituem a identidade histórica do lugar.

Entre os elementos culturais que compõem a história do território acreano e a identidade local das pessoas que nele vivem, destaca-se a cultura do extrativismo da borracha, profundamente relacionada ao trabalho dos seringueiros e à presença da seringueira na floresta. Essa árvore ocupa um lugar central na constituição econômica e histórica do estado, marcado pelo ciclo da borracha e pelo trabalho árduo dos seringueiros. Desse modo, trabalhar essa temática na Educação Infantil significa possibilitar que as crianças estabeleçam vínculos com a história local, reconhecendo-se como sujeitos pertencentes a um território e que carregam consigo a identidade do lugar.

Assim, este trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a partir do projeto “História no pé da Seringueira”, realizado em uma creche pública, localizada na cidade de Rio Branco, no estado do Acre. A experiência consistiu na mediação de conhecimentos sobre a seringueira, o látex e o trabalho dos seringueiros, com a exploração de folhas, sementes e registros audiovisuais, promovendo uma vivência sensorial e dialógica com as crianças.

Ao longo da atividade, as crianças ressignificaram os conhecimentos apresentados, nomeando a seringueira como “a árvore que dá leite que a gente não bebe”. Essa expressão revela a potência da infância na produção de sentidos e evidencia como experiências concretas e contextualizadas favorecem processos significativos de aprendizagem.

Dessa forma, o presente relato experiência teve como objetivo, relatar e refletir a respeito das contribuições de uma experiência desenvolvida no projeto “Histórias no pé da Seringueira”, em uma creche localizada na cidade de Rio Branco, Acre, por meio de práticas pedagógicas que articulam a cultura e infância.

2 METODOLOGIA



O presente trabalho trata-se de um relato de experiência, de caráter qualitativo, em que “a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (Minayo, 2001, p. 22). A experiência foi desenvolvida no âmbito de uma instituição de Educação Infantil, uma creche, que atende crianças de 1 ano e 7 meses a 4 anos de idade. O projeto foi realizado a partir do núcleo de alfabetização do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Este trabalho tratou sobre a identidade acreana, contando com a contação de lendas conhecidas na região, como “A cobra grande”, “Iara” e o “Mapinguari”. Além dessas histórias, foi desenvolvida com as crianças, a experiência a respeito da Seringueira. O foco principal deste projeto envolvendo histórias da cultura acreana, permitiu que as crianças tivessem contato com parte da diversidade cultural e histórica do território amazônico, fortalecendo a sua identidade cultural.

Sendo assim, a produção dos dados ocorreu por meio de observação participante, uma abordagem que possibilita ao pesquisador utilizar elementos a partir da observação e análise de um determinado contexto sociocultural para compreender e explicar padrões de atividade humanas (Maretto, 2018). Dessa forma, também foram utilizados registros em diário de campo, o qual pode ser compreendido como um instrumento destinado ao registro de observações, comentários e reflexões, voltado tanto ao uso do profissional quanto do estudante, podendo ainda ser empregado para documentar atividades de pesquisa e o próprio processo de trabalho (Falkembac, s.d. apud Lima, Miotto e Dal Prá, 2007). Nele, foram descritas as vivências desenvolvidas e, especialmente, as falas e reações das crianças durante as atividades propostas no projeto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção da identidade na Educação Infantil está profundamente relacionada às experiências culturais e territoriais vivenciadas pelas crianças. Desde os primeiros anos de vida, os sujeitos atribuem significado ao mundo a partir das interações que estabelecem com o meio social e natural que os cerca. Nesse contexto, o processo educativo deve partir da realidade concreta dos alunos, sendo assim, contextualizado, respeitando e valorizando os seus saberes (Freire, 1970). Dessa



forma, práticas pedagógicas que dialogam com a realidade local tornam-se fundamentais para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para a valorização da cultura do próprio território.

Foi nessa perspectiva que se desenvolveu a experiência com a seringueira, no âmbito do projeto “História no pé da Seringueira”, desenvolvido pelas bolsistas, buscando aproximar as crianças de elementos constitutivos da história e da memória regional acreana.

A vivência teve início com a organização das crianças em cadeiras, dispostas em círculo, para a realização de uma roda de conversa sobre a temática. O ponto de partida consistiu em ouvir sobre o que as crianças sabiam ou imaginavam a respeito da seringueira, valorizando assim, os seus conhecimentos prévios, constituídos a partir de suas vivências e experiências culturais. Esse momento converge com as ideias Freirianas, em que o conhecimento não deve ser apenas transferido, mas deve ser feito com dialogicidade, nesse caso, a partir do que as crianças já carregam em si.

Com o auxílio de recursos visuais, como imagens, apresentamos às crianças, a seringueira. Elas demonstraram encantamento com o tamanho da árvore, o que motivou uma breve conversa sobre os locais onde ela é encontrada, sendo mencionadas as florestas amazônicas. A discussão também se ampliou para os elementos que compõem uma árvore e, nesse momento, foram apresentados às crianças as folhas, as sementes e um pedaço da casca do tronco da seringueira.

Após a apresentação desses elementos, realizou-se uma explicação sobre a função de cada um deles, e as crianças tiveram a oportunidade de manuseá-los, explorando seus formatos, texturas e características. Essa etapa da vivência se constitui como relevante, uma vez que ao oferecer um ambiente com possibilidades de exploração, o professor favorece o desenvolvimento da curiosidade, da criatividade e da autonomia das crianças, possibilitando que elas interajam com o mundo de maneira significativa e participativa (Vendrusculo, 2025).

Concluído o momento de exploração sensorial, foi utilizado um recurso audiovisual para apresentar às crianças um vídeo demonstrando o processo de extração do látex. Ao observarem a cena do seringueiro retirando o líquido branco da árvore, uma das crianças comentou: “Parece leite”, e outra questionou: “É de beber?”. As falas evidenciam a tentativa de relacionar o novo conhecimento a referências já conhecidas, movimento essencial no processo de aprendizagem. Diante da



curiosidade manifestada, explicou-se, de forma adequada à faixa etária, que o líquido branco extraído da árvore se chama látex, que é utilizado para produzir diversos objetos de borracha presentes no cotidiano, mas que não é próprio para consumo, diferentemente do leite que costumam beber.

A partir dessa conversa, surgiu também o interesse em saber quem realizava a extração do látex. Foi então explicado que o trabalhador responsável por esse processo é chamado de seringueiro, destacando sua importância para o estado e para a história regional, além de mencionar que muitos dos pais e avós das próprias crianças já exerceram essa atividade. Nesse momento, a professora regente compartilhou que seu pai havia sido seringueiro e que apreciava esse trabalho, aproximando ainda mais a temática da realidade local das crianças.

Ao inserir a figura do seringueiro como sujeito histórico, a atividade ultrapassou a dimensão natural da árvore e alcançou sua dimensão social e cultural. Nesse sentido, a proposta dialoga com a compreensão de que a identidade constitui um dos pilares do desenvolvimento social do indivíduo e atua como instrumento de preservação e fortalecimento de um grupo, o que exige que as práticas pedagógicas estejam diretamente articuladas à realidade e à identidade do coletivo ao qual pertencem os educandos (Amaral, 2020).

Em seguida, emergiu um novo questionamento: “Mas por que ele está cortando a árvore?”. Foi possível explicar, de maneira simples e adequada, o processo de sangria da seringueira, que ocorre por meio da remoção controlada de camadas superficiais da casca da árvore, a partir de um corte inclinado que atinge os vasos responsáveis pela condução do látex, possibilitando seu escoamento. O procedimento é repetido periodicamente para manter o fluxo do material (Bernardes, 2005).

Esclareceu-se que os riscos realizados no tronco não prejudicam a árvore, pois consistem em pequenos sulcos feitos com cuidado e com instrumentos apropriados, evitando danos. Foi enfatizado que a seringueira precisa crescer bastante antes de poder “tirar o leite da árvore”, como nomeamos o látex naquele momento. Ao aprofundar a explicação, apresentei os instrumentos utilizados na sangria, como a faca específica, a bica e a tigela, destacando que o corte é feito com cuidado para que o líquido escorra até o recipiente, sem machucar a árvore. Trata-se de um processo técnico que segue critérios específicos para não comprometer o desenvolvimento da planta (Bernardes, 2005).



Articulando com a ação realizada, Amaral (2020) enfatiza que na Educação Infantil, crianças e os professores devem ser compreendidos como sujeitos que constroem suas experiências a partir das relações que estabelecem com o território, sendo fundamental que as práticas pedagógicas articulem os saberes das famílias e da comunidade às vivências escolares. Nessa perspectiva, ao apresentar os instrumentos e as etapas da extração do látex, buscou-se valorizar os saberes tradicionais historicamente construídos pelos povos da floresta na região acreana, estabelecendo essa relação de saberes do território com os saberes escolares, evidenciando que esse processo se trata de um conhecimento técnico construído historicamente pelos povos da floresta, especialmente na região amazônica.

Para finalizar a experiência, realizou-se uma nova roda de conversa com o para retomar os principais aspectos trabalhados. Ao serem questionadas sobre o que havia sido discutido, uma das crianças sintetizou a aprendizagem ao afirmar que a seringueira é “uma árvore que dá leite que a gente não bebe”, evidenciando a apropriação simbólica do conhecimento construído ao longo da vivência.

A experiência desenvolvida demonstra a importância da abordagem a respeito da identidade cultural local com as crianças da Educação Infantil e reforça o como isso é, de fato, possível, como aponta Abreu (2022) a criança encontra-se imersa em diferentes influências que contribuem para a formação de sua identidade e de seu perfil social. Por isso, o ensino da história local torna-se especialmente relevante nessa etapa inicial da vida, pois favorece o desenvolvimento do autoconhecimento cultural.

A síntese produzida por uma das crianças, ao definir a seringueira como “uma árvore que dá leite que a gente não bebe”, revela não apenas a compreensão do que foi trabalhado, mas a reelaboração simbólica do conhecimento construído ao longo da vivência. Tal expressão demonstra que a aprendizagem ocorreu de forma significativa, pois a criança articulou o novo saber às suas referências cotidianas, produzindo uma formulação própria. Sendo assim, a experiência reafirma a importância de práticas pedagógicas contextualizadas na Educação Infantil, capazes de fortalecer a identidade amazônica desde os primeiros anos de vida e de reconhecer o território como espaço legítimo de produção de conhecimento.

Dessa forma, torna-se fundamental promover o contato da criança com sua própria história desde os primeiros anos de vida, considerando que a história local



revela aspectos essenciais da identidade dos grupos que compõem o território, bem como dos processos históricos que o constituíram ao longo do tempo (Abreu, 2022). Desse modo, as experiências vivenciadas pelas crianças ultrapassam o caráter lúdico e significativo, passando a ser percebidas como próximas, reconhecíveis e próprias, o que contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento a um lugar singular, marcado por práticas específicas e por um povo diverso, que, em sua totalidade, configura o território que a criança identifica como seu “lar”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo relatar as contribuições de uma experiência desenvolvida no projeto “Histórias no pé da Seringueira”, em uma creche localizada na cidade de Rio Branco, Acre o qual se revelou em uma experiência rica para a construção e valorização da identidade cultural local das crianças na Educação Infantil.

A partir das vivências desenvolvidas, foi possível perceber que o contato das crianças com figuras simbólicas e históricas da região, como a seringueira e o seringueiro, favoreceu a construção de significados sobre o território em que vivem. As experiências possibilitaram às crianças reconhecer elementos da cultura amazônica, contribuindo para processos iniciais de construção e valorização da identidade cultural. Além disso, evidenciou-se que práticas pedagógicas contextualizadas e sensíveis à realidade local fortalecem a atuação docente e promovem aprendizagens mais significativas na Educação Infantil.

A experiência evidenciou que a abordagem de elementos culturais presentes no cotidiano das crianças promove o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Ao relacionar a extração do látex, um processo historicamente constitutivo da formação social acreana, ao leite presente em seu cotidiano, a criança iniciou um movimento de aproximação simbólica com a cultura e a memória da regional.

Dessa maneira, reafirma-se a necessidade do espaço da Educação Infantil ser visto como um espaço formativo identitário. É necessário reconhecer as crianças como agentes de conhecimento, de cultura e de saberes, que possuem uma identidade e que fazem parte ativamente do território em que vivem, portanto, necessitam em seu processo formativo, desde o início, conhecer o espaço, se



reconhecer nele e valorizá-lo. Sendo assim, é necessário práticas pedagógicas, assim como o presente projeto desenvolvido, que atendam a essas necessidades das crianças, de forma contextualizada, comprometida e efetiva.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

REFERÊNCIAS

ABREU, Lara Venina Matos. **Identidade cultural local na educação infantil: uma análise das práticas pedagógicas do Jardim de Infância Amélia Lobo no município de São Bento- MA**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Pinheiro, Pinheiro, 2022. Disponível em: [MONOGRAFIA - LARA VENINA MATOS ABREU - LIC. PEDAGOGIA PINHEIRO UEMA 2022.pdf](#). Acesso em: 18 fev. 2026.

AMARAL, Jeane Costa. **A criança, a cidade e o patrimônio no âmbito da educação infantil: identidade cultural, pertencimento e participação**. 2020. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/7655>. Acesso em 20 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018, 600 p.

BERNARDES, Marcos Silveira. **Avanços na exploração da seringueira: sangria e estimulação**. Piracicaba: ESALQ – Departamento de Produção Vegetal, 2005. 33 p. Disponível em: [avancos-explotacao-bernardes-2005.pdf](#). Acesso em: 23 fev. 2026

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987;

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso; DAL PRÁ, Keli Regina. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 93–104, jan./jun. 2007. Disponível em: [1048-Texto do artigo-11403-13684-10-20110818.pdf](#). Acesso em: 22 fev. 2026.

MARIETTO, Marcio Luiz. Observação participante e não participante:



contextualização teórica e sugestão de roteiro para aplicação dos métodos. **Revista Ibero Americana de Estratégia**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 5–18, 2018. Disponível em: [OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E NÃO PARTICIPANTE: CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E SUGESTÃO DE ROTEIRO PARA APLICAÇÃO DOS MÉTODOS](#). Acesso em: 23 fev.2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. CIÊNCIA, TÉCNICA E ARTE: O DESAFIO DA PESQUISA SOCIAL. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 09–28. Ebook. Disponível em: <https://share.google/3SNXCE4hPS7WSQzX1>. Acesso em: 01 fev. 2026.

VENDRUSCULO, Bruna Francisca Sulczewski. **Um mundo de sensações: desvendando o aprendizado através dos sentidos na Educação Infantil**. 2025. Artigo (Especialização em Gestão Pública na Educação Infantil e Docência). Universidade Federal de Santa Maria, Três Passos, RS, 2025. Disponível em: [*TCCE GPEID EaD 2025 VENDRUSCULO BRUNA FRANCISCA.pdf](#). Acesso em: 20 de fev. 2026.